

A Produção do Conhecimento Geográfico

2

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-79-6

DOI 10.22533/at.ed.796181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*A Produção Do Conhecimento Geográfico*” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 22 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase nos movimentos sociais.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como planejamento, gestão, inclusão, mobilidade.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a migração, imigração, movimentos sociais. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

TERRITÓRIO E MOVIMENTOS SOCIAIS

CAPÍTULO 1	1
ATIVIDADES CRIATIVAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: MÚSICA, TERRITÓRIO E CRIATIVIDADE EM TATUÍ-SP	
<i>Gustavo da Silva Diniz</i> <i>Auro Aparecido Mendes</i>	
CAPÍTULO 2	11
ESCOLAS OCUPADAS: CIDADANIA, PODER E TERRITÓRIO	
<i>Rafael Sá Rego de Azevedo</i>	
CAPÍTULO 3	43
ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL: ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS OU SISTEMAS TERRITORIAIS DE PRODUÇÃO?	
<i>Mariano de Matos Macedo</i> <i>Wilhelm Milward Meiners</i>	
CAPÍTULO 4	53
GANGUE E TERRITORIALIDADES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DE PROCESSOS SOCIAIS E ESPAÇOS ENVOLVIDOS NA AÇÃO DE GANGUE EM MINAS GERAIS	
<i>Antônio Hot Pereira de Faria</i> <i>Diego Filipe Cordeiro Alves</i> <i>Alexandre Magno Alves Diniz</i> <i>Tomás Hilário Cardoso Ferreira</i>	
CAPÍTULO 5	68
O DESCOROAMENTO DA PRINCESA DO SERTÃO: DE “CHÃO” A TERRITÓRIO, O “VAZIO” NO PROCESSO DA VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO	
<i>Nacelice Barbosa Freitas</i>	
CAPÍTULO 6	79
TERRITÓRIO E SAÚDE: REFLETINDO A REALIDADE AMAZÔNICA	
<i>Layla de Cassia Bezerra Bagata Menezes</i> <i>Edna Ferreira Coelho Galvão</i>	
CAPÍTULO 7	89
A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA NO BRASIL: UM OLHAR ALÉM DE SÃO PAULO	
<i>Romerito Valeriano da Silva</i> <i>Daniela Martins Cunha</i>	
CAPÍTULO 8	101
MIGRAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIO: OS DESCENDENTES DE POLONESES E UCRANIANOS NA ZONA DA MATA RONDONIENSE	
<i>Jania Maria de Paula</i>	

CAPÍTULO 9	110
REDES DA MIGRAÇÃO HAITIANA NO MATO GROSSO DO SUL	
<i>Alex Dias de Jesus</i>	
CAPÍTULO 10	120
TRABALHO E MIGRAÇÃO: ANÁLISES SOBRE A POPULAÇÃO OCUPADA NO SETOR CALÇADISTA DO MUNICÍPIO DE NOVA SERRANA-MG	
<i>Luís Henrique Silva Ferreira</i>	
<i>Andressa Virgínia de Faria</i>	
<i>André Francisco de Brito Leite</i>	
CAPÍTULO 11	136
A TEORIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DA CERVEJA NO BRASIL: A MATRIZ METODOLÓGICA COMO INSTRUMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE MAIOR PRODUÇÃO CERVEJEIRA NO BRASIL	
<i>Eduardo Fernandes Marcusso</i>	
CAPÍTULO 12	147
EFEITOS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA E ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA SOBRE A MORTALIDADE INFANTIL NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO PARA DADOS EM PAINEL	
<i>Everlane Suane de Araújo da Silva</i>	
<i>Neir Antunes Paes</i>	
CAPÍTULO 13	157
GEOGRAFIA E ARTE: REPRESENTAÇÕES EM ALGUMAS PAISAGENS CABRALINAS	
<i>José Elías Pinheiro Neto</i>	
<i>Lara Ferraz Rocha Pacheco</i>	
CAPÍTULO 14	167
GESTÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA EM FRONTEIRA COMO PROGRAMA DE ESTADO E A INTERDEPENDÊNCIA DE ATORES	
<i>Sergio Flores de Campos</i>	
CAPÍTULO 15	179
MEMÓRIA, CULTURA E RESILIÊNCIA NA COMPREENSÃO DA PAISAGEM DO PAMPA: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA GEOGRAFIA INTEGRADORA	
<i>Adriano Severo Figueiró</i>	
CAPÍTULO 16	195
PATRIMÔNIO MUNDIAL DA UNESCO NO BRASIL: O CASO DAS ILHAS OCEÂNICAS DE FERNANDO DE NORONHA E ATOL DAS ROCAS	
<i>Vanda de Claudino-Sales</i>	
CAPÍTULO 17	206
UMA VIAGEM PELAS TERRAS DO SEM FIM EM BUSCA DA GEOGRAFICIDADE DA OBRA DE JORGE AMADO	
<i>Rita de Cássia Evangelista dos Santos</i>	

CAPÍTULO 18	216
PARENTALIDADES JOVENS, INVISÍVEIS E EXCLUÍDAS NO CENÁRIO DO “PRISON BOOM” BRASILEIRO: CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO DE PAIS E MÃES ENCARCERADOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, BRASIL – 2014	
<i>Rafael Andrés Urrego Posada</i>	
<i>Maria Carolina Tomás</i>	
<i>Dimitri Fazito de Almeida Rezende</i>	
CAPÍTULO 19	230
ENSAIO SOBRE A ARCHÉ GEOGRÁFICA SOTEROPOLITANA	
<i>Daniel de Albuquerque Ribeiro</i>	
CAPÍTULO 20	240
NO MOVIMENTOS DAS REDES, NAS REDES DE MOVIMENTOS E OS MOVIMENTOS NAS REDES: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS E MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS CAMPONESES E URBANOS NO BRASIL E NA ARGENTINA	
<i>José Sobreiro Filho</i>	
CAPÍTULO 21	251
O LEGADO DOS MILAGRES DE SANTA PAULINA: A INTERRELAÇÃO E CONEXÃO RELIGIOSA DOS MUNICÍPIOS CATARINENSES DE NOVA TRENTO E IMBITUBA CONSTRUINDO UM OLHAR PELA FENOMENOLOGIA	
<i>Natália Carolina de Oliveira Vaz</i>	
<i>Sylvio Fausto Gil Filho</i>	
CAPÍTULO 22	262
O SOM DA VIOLA “INVOCANO” UM SENTIMENTO TOPOFÍLICO CAIPIRA	
<i>Denis Rilk Malaquias</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	273

REDES DA MIGRAÇÃO HAITIANA NO MATO GROSSO DO SUL

Alex Dias de Jesus

Universidade Federal da Grande Dourados
Dourados – MS

RESUMO: O objetivo principal deste trabalho é analisar o papel das redes de relações sociais na configuração atual da migração haitiana no estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. Os haitianos têm implementado uma importante mobilidade no interior do país e nesse contexto se inserem algumas cidades do estado do Mato Grosso do Sul como locais de destino ou passagem para muitos desses migrantes. De acordo com informações preliminares coletadas em pesquisas de campo, estima-se que entre 1500 e 2000 haitianos e haitianas vivam no estado em cidades como Campo Grande, Dourados, Itaquirai e Três Lagoas. Grande parte desse contingente tem migrado valendo-se de informações e recursos de migrantes que os precederam fazendo com que as redes sociais ganhem destaque nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Redes migratórias; Migração; Haitianos

ABSTRACT: The main objective of this paper is to analyze the role of networks of social relations in the current configuration of Haitian migration in the state of Mato Grosso do Sul, Brazil. The Haitians have implemented an important

mobility in the interior of the country and this context some cities in the state of Mato Grosso do Sul are included as places of destination or passage for many of these migrants. According to preliminary information collected in field surveys, it is estimated that between 1500 and 2000 Haitians and Haitians live in the state in cities such as Campo Grande, Dourados, Itaquirai and Três Lagoas. Much of this contingent has migrated using information and resources from migrants that preceded them, causing social networks to gain prominence in this process.

KEY-WORDS: Migration networks; Migration; Haitians.

1 | INTRODUÇÃO

Os haitianos, que começaram a chegar ao Brasil nos primeiros meses de 2010, têm implementado uma importante mobilidade entre diversas cidades brasileiras, bem como para outros países da América Latina, como Chile e México. Ao longo desses anos, em meio a chegadas e partidas e a grande mobilidade interna, mais de 73.000 haitianos protocolaram pedido de entrada no Brasil nas delegacias da Polícia Federal, de acordo com o Instituto Migrações e Direitos Humanos – IMDH (2016).

Nesse contexto de mobilidade, o estado

do Mato Grosso do Sul se insere como um dos muitos destinos. Atualmente, de acordo com as informações preliminares coletadas em pesquisa de campo, estima-se que entre 1.500 e 2.000 haitianos vivam no Mato Grosso do Sul em municípios como Três Lagoas, Itaquiraí, Campo Grande, Dourados, Naviraí, Nova Andradina, dentre outros.

Observamos, a partir de entrevistas realizadas, que tem sido comum a chegada de haitianos que vieram diretamente para o estado do Mato Grosso do Sul em virtude das redes que se estabelecem na migração. Parentes, amigos ou conhecidos que conseguem emprego, facilitam de alguma maneira a chegada dos demais, seja enviando dinheiro, informações ou dividindo o aluguel na cidade de destino. Este fato nos ajuda a compreender que a escolha do local de destino nem sempre se dá estritamente por fatores econômicos, mas também pelo papel das redes de relações sociais que são tecidas no processo migratório. Às vezes, um local pode não oferecer os melhores salários ou oportunidades de emprego mais abundantes, mas a rede de solidariedade pode funcionar como um ponto mais atrativo a favor da permanência do migrante.

Desse modo, é possível compreender que mesmo com o aumento do desemprego e dos custos de vida nas cidades do Mato Grosso do Sul, bem como a frequente mobilidade para outros municípios do Brasil e até mesmo para outros países, a chegada de haitianos ainda acontece, em grande parte, pela existência das redes de apoio que possibilitam um contato, uma estadia temporária ou mesmo permanente.

Assim, as redes têm papel fundamental nos processos migratórios, pois por meio delas, transitam informações e recursos que influenciam diretamente nas decisões de possíveis e futuros migrantes. Diante do exposto, acreditamos que o conceito de redes migratórias tem um grande potencial para analisar a recente mobilidade de haitianos no Mato Grosso do Sul.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi baseada em levantamento bibliográfico e entrevistas realizadas com haitianos e haitianas nas cidades de Dourados e Três Lagoas entre os meses de maio e setembro de 2016.

2 | REDES SOCIAIS NAS MIGRAÇÕES

As migrações já foram bastante teorizadas a partir de contribuições de diversos campos disciplinares. Também muitas teorias foram elaboradas e conceitos desenvolvidos e incorporados para analisar os processos migratórios em diferentes partes do mundo. Nas últimas décadas do século XX, diante da maior velocidade e complexidade dos fluxos migratórios internacionais, um tema que emergiu foi o das redes.

Para Massey (2008, p. 458), “as redes migratórias podem ser definidas como complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco,

amizade e conterraneidade”. Segundo o autor, elas contribuem para diminuir os custos e riscos da migração e incrementa os desejados benefícios econômicos. Para os primeiros emigrantes de uma determinada região, que partiram sem laços sociais fortes no destino, a migração era muito custosa, especialmente em um país estrangeiro. Uma vez que eles se estabelecem, podem criar condições de redução de custos e riscos para os que partirem depois.

Há redes circunscritas a círculos familiares, outras mais extensas que exercem impacto sobre toda uma microrregião (TRUZZI, 2008). Por meio delas, as informações e recursos influenciam novos migrantes, definem novos destinos e redefinem os antigos. Por isso, elas podem estimular ou refrear projetos e expectativas futuras. Há que se salientar que redes de relações sociais podem servir de base para a formação de redes migratórias, na medida em que informações e recursos são organizados para facilitar o trânsito e a acolhida de novos migrantes.

A abordagem das redes em processos migratórios recupera o papel do agente e seus contatos próximos que influenciam na decisão de migrar. Em contraposição ao clássico modelo *push-pull*, no qual ganha destaque a situação macroeconômica dos locais de origem e destino, com seus fatores de atração e repulsão, nessa abordagem “o migrante passou a ser visto como agente mobilizador de seu capital social” (TRUZZI, 2008, p. 207). Não se trata de excluir as questões macroestruturais, mas de inserir as relações individuais e familiares no contexto decisório.

Nessa perspectiva, as fontes empíricas, principalmente os próprios migrantes e suas relações, são focos prioritários de análise. O método etnográfico e a história oral passam a ser utilizados com mais frequência, dada a possibilidade de reconstituição das trajetórias e análise das relações interpessoais.

Do ponto de vista do esforço da pesquisa, isso significa uma clara opção pela micro-história, normalmente traduzida por uma redução de escala de observação e pelo uso intensivo de fontes nominativas, na convicção de que uma observação microscópica revelará aspectos e significados até então não observáveis em análises macro. Pode-se partir de indivíduos a princípio tomados isoladamente, mas o que se persegue é identificar e recuperar suas redes de relacionamento (TRUZZI, 2008, p. 208).

Por outro lado, Ramella (1995) alerta para o uso indiscriminado do conceito de rede. Segundo ele, o uso desse conceito, em muitos casos, parece limitar-se a uma evolução genérica das relações entre os emigrados, em destaque as relações de parentesco. Esse enfoque tornou-se mais comum nas últimas décadas do século XX, quando a migração deixou de ser vista apenas como uma ação de desesperados, impulsionados a partir de uma situação econômica catastrófica e se transformou, também, em uma opção de superação social. Com isso, ganharam destaque as formas de integração e coesão social dos migrantes em grupos conterrâneos na sociedade de destino.

As redes sociais entre migrantes dependem fundamentalmente das informações

transmitidas pelos canais de comunicação. Por meio delas, migrantes anteriores relatam a situação econômica e a possibilidade de inserção laboral no destino, custos financeiros da viagem, documentação necessária, ou na falta desta, estratégias de atravessamento ou contornamento de barreiras legais, etc. Ramella (1995) afirma que a informação não é a mesma para todos os vizinhos e conterrâneos de uma aldeia ou cidade, nem se transmite necessariamente por proximidade de vizinho a vizinho, pois os canais por meio dos quais ela passa são as relações sociais fortes. Importa muito mais a confiabilidade das informações, por isso são mais valorizadas as transmitidas por familiares e amigos do que aquelas das propagandas de empresas e governos.

Outra questão que põe em destaque as relações sociais fortes é a utilização dos recursos materiais e financeiros. É bastante comum observar que a decisão de migrar não seja do indivíduo isoladamente. O papel da família geralmente é bem grande e dela são provenientes os recursos necessários à migração, em muitos casos. Desse modo, é comum que não apenas o candidato à migração, mas também outros membros da família se empenhem na alocação de recursos para efetivar o projeto migratório. Também no destino não é raro que um parente faça remessas de dinheiro para trazer alguém ou disponibilize sua casa como acolhida de um recém-chegado.

Atualmente, a migração haitiana no Brasil tem apresentado características de grande mobilidade interna. Valendo-se de informações e recursos disponibilizados por aqueles que migraram anteriormente, muitos já passaram por diversas cidades. No Mato Grosso do Sul, principalmente nos últimos dois anos, tem sido comuns os relatos daqueles que vieram estimulados por parentes ou amigos, como veremos adiante. Por esse motivo, optamos por utilizar a abordagem de redes de relações sociais para analisar esse processo.

3 | A MIGRAÇÃO HAITIANA NO MATO GROSSO DO SUL

A imigração de haitianos para o Brasil tem início no ano de 2010, após o país sofrer um violento terremoto na região da capital, Porto Príncipe. Porém, ao contrário do que se tem amplamente divulgado, acreditamos que as causas do processo migratório estão relacionadas a uma série de acontecimentos, dos quais, o terremoto foi um agravante. A favor desse argumento está a própria história do Haiti, marcada por uma grande diáspora que tem suas origens entre o final do século XIX e início do século XX, quando milhares de haitianos deslocaram-se principalmente para Cuba e República Dominicana para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar, conforme aponta Castor (2008).

Durante todo o século XX, também foi grande o número de haitianos que deixaram o país e seguiram para destinos como Estados Unidos, Canadá e Guiana Francesa. Esses movimentos tiveram seus momentos de maior expressão durante a ditadura dos Duvalier (1957-1986) e no contexto do golpe de Estado que depôs o então presidente Jean-Bertrand Aristide em 1991. Nos anos iniciais do século XXI, as migrações de

haitianos se diversificaram, assim como outros grupos ao redor do mundo. Países que até então não se configuravam como opções nos fluxos migratórios, despontaram como potenciais destinos. É nesse contexto que surge o Brasil como uma nova possibilidade de migração.

O enrijecimento das fronteiras em tradicionais destinos como os Estados Unidos, a visibilidade que o Brasil passa a ter no cenário internacional, a presença das tropas brasileiras na liderança da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), a relativa facilidade de entrada nas fronteiras da região norte foram fatores que, culminando com o terremoto de janeiro de 2010, contribuíram para a imigração de milhares de haitianos no Brasil a partir dos primeiros meses daquele ano.

Ao entrarem no Brasil, primeiramente através dos estados do Acre e Amazonas, mas atualmente principalmente por São Paulo, em virtude da concessão de vistos nas embaixadas brasileiras de Porto Príncipe, Quito e Lima, os haitianos passaram a implementar uma grande mobilidade por diversos estados e cidades do país. É nesse contexto que se insere o estado do Mato Grosso do Sul que desde os primeiros meses de 2010 tem recebido muitos haitianos.

Entre os primeiros relatos sobre a presença de haitianos no Brasil, está a notícia da detenção de um grupo de haitianos em Corumbá, cidade do Mato Grosso do Sul na fronteira com a Bolívia (ESTADÃO, 2010). Nesse período, o estado se configurou como espaço de trânsito desses migrantes em direção às cidades do sul e sudeste do país. Todavia, no ano de 2012 começaram a chegar haitianos na capital Campo Grande, sendo a maioria empregada na construção civil. A partir de 2013 passou a ser notável a presença desses migrantes nas cidades de Dourados, Três Lagoas e Itaquiraí.

Até o momento, constatamos que pelo menos três fluxos podem ser identificados nessa migração. O primeiro se refere aos migrantes que foram contratados por empresas sul-mato-grossenses quando ainda estavam no abrigo de Brasiléia, no Acre; o segundo é constituído por um número expressivo de haitianos que residiram em outras cidades brasileiras e depois vieram para o Mato Grosso do Sul; o terceiro é formado por aqueles que vieram diretamente do Haiti para cidades do estado a partir de contatos feitos previamente.

Apesar da presença haitiana começar a ser notada em algumas cidades do estado no ano de 2010, ela estava mais associada ao trânsito do que ao destino final. O que identificamos como primeiro fluxo ocorreu principalmente entre os anos de 2012 e 2014 quando empresários de algumas cidades do Mato Grosso do Sul foram contratar trabalhadores haitianos ainda no abrigo de Brasiléia, no Acre, local de entrada de grande número deles. De ônibus, foram transportados para cidades como Campo Grande, Itaquiraí e Três Lagoas para trabalharem, principalmente, na construção civil, frigoríficos, indústrias de equipamentos de refrigeração, limpeza urbana e usinas de açúcar e álcool.

A partir do estabelecimento desses primeiros grupos, chegaram outros, vindos de

diversas cidades brasileiras. Informados da possibilidade de emprego por parentes e amigos, haitianos que residiram alguns meses em outros estados, deslocaram-se para cidades do Mato Grosso do Sul. Em Dourados, por exemplo, encontramos migrantes que vieram de Cuiabá, Curitiba e Porto Alegre, bem como de outras cidades médias do interior do país.

O terceiro movimento tem sido identificado com muita frequência em todas as cidades com presença haitiana, principalmente nos anos de 2016 e 2017. Diz respeito aos processos de reunião familiar e mobilidade de amigos, valendo-se das informações e recursos disponibilizados por aqueles que chegaram antes. Com isso, tem aumentado a presença feminina e infantil. Ainda que a presença masculina seja majoritária, famílias inteiras começam a se estabelecer.

Por fim, como abordamos em outro momento (JESUS, 2016), temos identificado uma grande mobilidade dos migrantes haitianos entre cidades do próprio estado. Muitos daqueles que viviam em cidades como Campo Grande, Itaquiraí e Três Lagoas, em virtude do fechamento de postos de trabalho em 2015, deslocaram-se para Dourados, Nova Andradina e Naviraí em busca de novas possibilidades.

Entretanto, apesar das oportunidades de emprego sinalizarem o surgimento de um novo destino, temos identificado que as redes de relações sociais têm atuado com grande importância na definição e redefinição desses fluxos. Isso significa que, mesmo que o trabalho seja o elemento que impulsiona o migrante à migração, na busca por ele, os haitianos têm se utilizado das informações e recursos dos que já se estabeleceram anteriormente. Por esse motivo, ganham destaque as redes de relações sociais que podem servir de base para redes migratórias, que são aquelas criadas em função de novos fluxos de pessoas.

4 | REDES DA MIGRAÇÃO HAITIANA NO MATO GROSSO DO SUL

As redes sociais nas migrações têm relevância tanto na origem como no destino dos migrantes. No Haiti, as informações não estão restritas à proximidade da capital Porto Príncipe e se propagam por meio de relações sociais entre parentes e amigos de diversas cidades e regiões do país. Prova disso, é a heterogeneidade de origem dos haitianos residentes no Mato Grosso do Sul e que podem ser visualizadas em outros estados, como apontou Cotinguiba (2014), para o caso de Rondônia; Handerson (2015), para o caso do Amazonas; e Araújo (2015) para o caso de Santo André – SP. Além de Porto Príncipe, tem sido marcante a presença de migrantes das cidades de Gonaives e Cap-Haitien, no norte do país e Jacmel, no sul, evidenciando que essa migração tem uma causa estrutural, como destacaram Baeninger, Azevedo e Peres (2016) e não estão restritas às consequências do terremoto de 2010.

Nos potenciais destinos ou nos pontos de passagem, de igual maneira, as informações têm grande relevância, pois indicam quais estratégias podem obter melhores resultados. Por meio de uma ligação telefônica, de uma mensagem no

Whatsapp ou *Facebook*, os migrantes obtêm informações sobre oportunidades de emprego, as dificuldades do caminho, onde conseguir acolhida em determinado local, dentre outras.

Por esse motivo, além das causas estruturais que estimulam as migrações, as relações sociais entre migrantes nas origens, nos destinos, bem como nos trânsitos, nos ajudam a entender muitas escolhas. Desse modo, trazemos alguns relatos de migrantes haitianos residentes nas cidades de Dourados e Três Lagoas que contribuem para elucidar esse processo.

Benjamin (nome fictício), 24 anos, natural de Porto Príncipe, veio para o Brasil em abril de 2014 já com o visto adquirido no Haiti. Começou a aprender português no ano de 2010, em contato com os soldados brasileiros que mantinham uma base próximo da sua casa. Sua escola foi totalmente destruída com o terremoto de 2010, ele sobreviveu porque faltou à aula para assistir ao jogo do Manchester naquela tarde. Reside na cidade de Dourados, trabalha em uma loja de equipamentos de informática e estuda em um curso de Educação de Jovens e Adultos.

Eu fiquei amigo de um soldado lá, ele é de Naviraí e tem casa aqui em Dourados. Aí quando ele veio embora, ele falou que se eu quisesse vir para Dourados que ele me ajudava. Foi aí que eu decidi vir pra cá. (...) Eu consegui o visto em 2013 e fiquei um ano pensando em vir, também foi o tempo pra juntar dinheiro, minha mãe também juntou... Quando cheguei, fiquei morando na casa dele aqui em Dourados, por uns três meses e quando eu comecei a trabalhar eu aluguei uma casa pequena (Dourados, 20/05/16).

A relação de amizade entre o entrevistado e um soldado brasileiro é o ponto de partida para a decisão do destino migratório. Valendo-se dela, Benjamin colhe as informações necessárias para a viagem e quando chega, utiliza-se dos recursos – a acolhida na casa do amigo – para pôr em prática sua inserção no Brasil. Somente depois dos meses iniciais, desprende-se dela rumo à uma maior autonomia.

Do mesmo modo, outros migrantes, antes de implementarem suas partidas, munem-se de informações com os que partiram antes. É o caso de Kesnel (nome fictício), 34 anos, natural de Cap-Haitien. Veio para o Brasil em setembro de 2015, seguindo as orientações de uma amiga do seu irmão que morava na cidade de Três Lagoas. Diferente do primeiro caso, Kesnel pagou um “agente” para que viabilizasse sua viagem até o Brasil. Sem visto, passou pela República Dominicana, Colômbia, Equador e Peru até chegar ao abrigo de Brasília, onde ficou quatro dias. Segundo ele, os coites são bem articulados em vários pontos dessa rota, mas mentem ao afirmar que é fácil chegar do Equador até o Brasil e os abandonam ainda em solo equatoriano.

Quando entramos no Brasil, passamos pela Polícia Federal e depois fomos pro “refúgio” (o abrigo de Brasília – AC). Fiquei 4 dias lá porque decidi não esperar o ônibus que buscava o pessoal. (Refere-se aos ônibus contratados por empresários para buscar trabalhadores). Comprei a passagem para Campo Grande e depois para Três Lagoas. Fiquei quase 5 dias na estrada. Quando cheguei, fui morar com essa amiga do meu irmão, seu marido e um filho deles. Fiquei 3 meses em Três

Lagoas, até que conheci outro haitiano que estava vindo pra cá. Ele pegou meu contato e depois de uns dias ele me disse que tinha emprego aqui em Dourados, então em vim e fui morar com ele e mais outro, depois eu vim pra essa casa aqui (Dourados, 11/09/2016).

Kesnel afirmou que, quando chegou ao Brasil, a pessoa mais próxima era a amiga do seu irmão que ele nunca tinha visto pessoalmente. Através dela, recebeu informações sobre como chegar até Três Lagoas e depois, dela e da sua família, recebeu o apoio em forma de casa e comida durante os três meses que ficou desempregado na cidade. A “escolha” de Kesnel por Três Lagoas, como vimos, estava na possibilidade do apoio, um ponto em sua rede.

De outro modo, há aqueles que vão criando as condições para que as suas relações sociais possibilitem a vinda de outros haitianos. Foi o que percebemos com Edmond, 30 anos, natural de Porto Príncipe, residente na cidade de Três Lagoas há mais de três anos. Formado em Ciência da Computação, atua como professor de francês na cidade. Contou-nos que estava se preparando para voltar ao Haiti com o intuito de casar-se, o que facilitaria a vinda da sua futura esposa através do processo de reunião familiar.

Quando eu pensava em Brasil, eu pensava no Rio de Janeiro, até hoje eu penso em morar lá. Mas quando eu estava no Acre, veio a oportunidade de trabalhar aqui então eu vim. Acho que aqui não tem muita oportunidade, a gente vai sempre ficar na mesma coisa, mas mudar pra outra também é difícil... Agora eu vou pro Haiti casar e depois minha esposa vem (Três Lagoas, 20/09/2016).

Edmond casou-se em dezembro de 2016, no Haiti, voltou para Três Lagoas e, naquele momento, estava à espera da sua esposa que buscava adquirir os documentos necessários para a sua vinda. Percebe-se que ele estudou a situação possível para facilitar a reunião familiar. Sua esposa possivelmente migrará em seguida, usufruindo do recurso que é está casada com um haitiano com visto de permanência no Brasil.

Estes e muitos outros relatos põem em destaque o papel que as redes de relações sociais têm na configuração das migrações. Durante o ano de 2016, muitos postos de trabalho foram fechados, sobretudo na construção civil, mesmo assim, a chegada de haitianos nas cidades sul-mato-grossenses continuava acontecendo. Isso porque parentes e amigos funcionavam como pontos de apoio fundamentais no processo migratório. Do mesmo modo, um centro de acolhida, uma associação, uma igreja pode funcionar como um importante “nó” das redes migratórias.

Massey (2008), sugere que, geralmente, processos migratórios se iniciam com desequilíbrios macroestruturais entre regiões de origem e destino, mas sua continuidade é sustentada pela existência de fluxos de trocas alimentadas pelas redes sociais. Esse parece ser o caso da migração haitiana no Mato Grosso do Sul.

5 | CONCLUSÃO

No presente artigo, tratamos da abordagem das migrações a partir das redes de

relações sociais. Essas relações mobilizam informações e recursos que contribuem para estimular ou desestimular a migração. Tais redes configuram-se como possibilidade de análise dos processos migratórios colocando em destaque as ações dos sujeitos envolvidos, sejam eles migrantes ou não. Partindo das contribuições de alguns autores, apontamos que a atual configuração da migração haitiana no Brasil, em destaque para o Mato Grosso do Sul, pode ser analisada a partir desse enfoque.

A migração haitiana no Mato Grosso do Sul tem se revelado bastante dinâmica através de uma grande mobilidade interna e dos processos de reunião familiar. Com isso, tem-se observado uma rápida oscilação no número desses migrantes nas cidades do estado. Atuando na causa desse processo, estão as oportunidades de emprego, mas também as redes de relações entre os migrantes.

A partir das entrevistas realizadas nas cidades de Dourados e Três Lagoas, notamos que parte dos haitianos, principalmente os primeiros, haviam chegado pelo Acre e foram contratados por empresários do estado; alguns vieram a partir de outras cidades brasileiras, informados por amigos e parentes sobre melhores possibilidades de emprego e há ainda aqueles que vieram diretamente do Haiti utilizando-se do apoio de migrantes anteriores.

Diante do exposto, concluímos que a configuração atual da migração haitiana no Mato Grosso do Sul, tem sido caracterizada pela presença marcante das redes de relações sociais. Estas encontram-se ativas, servindo de base para as redes migratórias que começam a ser notadas a partir dos processos de reagrupamento familiar. Essas redes têm atuado na manutenção do fluxo de migrantes e também se multiplicado, o que pode ser notado na diversidade dos locais de origem desses.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adriano Alves de Aquino e OLIVEIRA, Adriana Capuano de. O conceito de redes: apontamentos referentes à imigração haitiana para o Brasil. **CONINTER 3**, v. 9, 2015. p. 164-176.

BAENINGER, Rosana; AZEVEDO, Marta e PERES, Roberta Guimarães. Apresentação. In: BAENINGER et al. (Orgs.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiá: Paco Editorial, 2016.

CASTOR, Suzy. A transição haitiana: entre os perigos e a esperança. **Cadernos da América Latina nº 5**. São Paulo: CLACSO, Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2008.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração haitiana para o Brasil – a relação entre trabalho e processos migratórios**. Dissertação de Mestrado. Porto Velho: UNIR, Programa de Pós-graduação em História e Estudos Culturais, 2014.

ESTADÃO, Jornal. **22 haitianos são detidos na fronteira com a Bolívia**. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,22-haitianos-sao-detidos-na-fronteira-com-a-bolivia,526305>. Acesso feito em: 10/06/2017.

HANDERSON, Joseph. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015.

INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS – IMDH. **Haitianos no Brasil: dados estatísticos, informações e uma recomendação**. Brasília: 2016. Disponível em: <http://www.migrante.org.br/index.php/migracao-haitiana2/373-haitianos-no-brasil-dados-estatisticos-informacoes-e-uma-recomendacao>. Acesso feito em 08/01/2017.

JESUS, Alex Dias de. A mobilidade Haitiana no Mato Grosso do Sul. **Anais do VI Seminário Internacional América Platina**. Campo Grande: 2016. Disponível em: http://eventos.sistemas.uems.br/assets/uploads/eventos/88a59795508e69486b5c940014affe2c/anais/1_2016-11-13_20-13-00.pdf

MASSEY, Douglas, S. et all. Teorías de Migración Internacional: una revisión y aproximación. Tradução de Augusto Aguilar Calahorro. In: **Revista de Derecho Constitucional Europeo**. Nº 10, Julio-Diciembre de 2008. p. 435-478.

RAMELLA, Franco. Por um uso flerte del concepto de red em los estúdios migratórios. In: BJERG, Mária; OTERO, Hernán (Orgs.). **Immigración y redes sociales em la Argentina**. Buenos Aires: CEMLA Moderna, 1995.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, revista de Sociologia da USP, v. 20, nº 1. São Paulo: 2008. p. 199-218.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-79-6

